

## LETRAMENTOS E AFASTAMENTO SOCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O QUE PENSAM OS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE BELÉM-PA?

**José Anchieta de Oliveira Bentes**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)  
anchieta2005@yahoo.com.br

**Débora Cristina do Nascimento Ferreira**

Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA)  
email@email.xx

**Miguel Costa Silva**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)  
miguel.silva@uepa.br

### Resumo

Este artigo aborda processos de letramentos de discentes de escolas de Ensino Médio da Rede pública de Belém do Pará-Brasil, frente à situação de afastamento social provocado pela pandemia do COVID-19, o Coronavírus. A pesquisa tem como objetivo verificar os posicionamentos de 52 discentes sobre o afastamento social e catalogar tipos de livros e de audiovisuais que os mesmos tiveram acesso nesse período de pandemia. As perguntas principais são: qual é a real situação dos discentes em relação à internet e ao uso da tecnologia? Os discentes estão lendo algum livro? Estão assistindo a vídeos? Trata-se de um levantamento de informações por meio de formulário eletrônico no aplicativo *googledocs*, realizado nos meses de março e abril de 2020, em que ocorria um acelerado número de mortes em Belém-PA. Os resultados indicam que os discentes aceitaram a nova situação de afastamento, embora tenha a ocorrência de tédio, de não aceitação e de brigas familiares. Mais da metade dos discentes leu algum livro e assistiu a vídeos, particularmente, livros e filmes de ficção.

**Palavras-chave:** Letramentos; Ensino médio; Coronavírus.

## Abstract

This paper approaches the literacy processes of students from public high schools in Belém do Pará-Brazil, in view of the social isolation caused by the pandemic of COVID-19, the Coronavirus. The research aims to verify the 52 students' positions on social isolate and to catalog the types of books and audiovisuals that they had access to during this pandemic period. The main questions are: what is the real situation of students in relation to the internet and the use of technology? Are students in this period reading any book? Are they watching videos? It is a survey of information through an electronic form in the googledocs application, carried out in the months of March and April 2020, in which there was an accelerated number of deaths in Belém-PA. The results indicate that the students accepted the new situation of withdrawal, although there is the occurrence of boredom, non-acceptance and family fights. More than half of the students read a book and watched videos, particularly fictional books and films.

**Keywords:** Literacies; High school; Coronavirus.

## Introdução

Em novembro de 2019 um fato marcante ocorreu em Wuhan, na província de Hubei, na China: o primeiro caso do que se configuraria chamar de vírus SARS-CoV-2, ou mais popularmente, “Coronavírus”. Depois de uma série de infecções nessa cidade, a virose alcançou toda a China e depois inevitavelmente avançou, nos meses de janeiro e fevereiro de 2020 por inúmeros países asiáticos e europeus e alcançou vários países de diferentes continentes, o que caracterizou uma pandemia.

Nos termos postos por José Luís Fiori:

*“Os germes e as grandes epidemias têm vida própria e reaparecem através da história com uma frequência cada vez maior, apesar de o reaparecimento periódico não obedecer a nenhum tipo de regra ou de ciclo conhecido e previsível. No caso específico desta última epidemia, não se decifrou ainda o vírus, não se conhece seu desenvolvimento nem se sabe da possibilidade de que ele tenha recidivas onde já foi controlado. Portanto, desde logo, partindo de um ponto de vista estritamente biológico e médico, é muito difícil ainda fazer qualquer tipo de previsão sobre o futuro dessa primeira*



*grande peste do século 21” (Fiori, 2020, p. 02).*

A revelia de quaisquer teses conspiratórias de que a China ou os Estados Unidos teriam inventado o referido vírus com o fim de dominar o mundo ou alavancar sua economia, cabe salientar que ficou comprovado, conforme pesquisas de Andersen; Rambaut; Lipkin; Holmes; Garry (2020), que o SARS-CoV-2 é uma mutação genética do vírus SARS, em animais, que passou a ser transmitido por seres humanos, não sendo possível ser manipulado em laboratório. No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado no dia 25 de fevereiro de 2020, em São Paulo (Brasil, 2020), em plena semana de Carnaval.

Em seguida, no dia 11 de março de 2020 foi feito pelo diretor Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, o anúncio oficial de pandemia (Agência Brasil, 2020) o qual trazia a orientação do isolamento ou distanciamento social<sup>1</sup>. Tal política sanitária de distanciamento social é capaz de fazer implicar grandes transformações na sociedade brasileira e paraense. Isto porque, a pandemia coloca em evidência o conflito da sociedade capitalista, tendo em vista que um vírus é capaz de desacelerar ou parar setores da economia e estabelecer que grande parte da população fique em casa para evitar uma maior disseminação da doença, já que a virose é transmitida por meio da fala, da respiração, do espirro ou mesmo da mão com a boca, nariz ou olhos, após o contato com alguma superfície ou local que portador do vírus tenha tocado ou espirrado.

Consideramos que é uma transformação social uma vez que setores significativos da sociedade foram obrigados a ficar em casa. Dentre estes setores, uma grande parcela é formada de estudantes do ensino Fundamental e Médio. E, em razão da suspensão surge por parte dos governos a proposta de realização do que se convencionou chamar de regime especial de aulas não presenciais.

Na Capital do Estado do Pará-Brasil, lócus de nossa pesquisa, o primeiro caso

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo “distanciamento social” para referirmos uma medida, uma política pública, que implica no limitar o convívio social de modo a parar ou controlar a propagação do Coronavírus. Outro termo, utilizado, fora o de isolamento social, nas resoluções e normas oficiais para se referir a uma forma de permanecer em casa tomando alguns cuidados que diminuam o risco de contaminação de infecções respiratórias, como a provocada pelo Coronavírus. Outro termo utilizado pela mídia em geral fora “quarentena”, para referir-se ao afastamento de indivíduos sadios pelo período máximo de incubação da doença, geralmente de quatorze dias, no caso do Coronavírus, contado a partir do último contato com alguém contaminado.

da pandemia ocorre em 18 de março de 2020 (G1globo, 2020). É a partir daqui que queremos marcar nossa discussão e pesquisa a respeito dos processos de letramentos de discentes de escolas de Ensino Médio da Rede pública de Belém frente à situação de distanciamento social provocado pela pandemia do COVID-19.

No Estado do Pará, o Decreto nº 609 de 16/03/2020 estabelece, entre outras medidas, cumprir ações de prevenção ao contágio, dentre elas: a suspensão das aulas na rede pública estadual de ensino fundamental e médio. Tal Decreto foi prorrogado quando do término da vigência inicial, 31 de março de 2020. O Decreto estabeleceu:

*“Art. 4º Observado o disposto neste Decreto, fica mantido o expediente em todos os órgãos e entidades da Administração Pública Estadual Direta e Indireta.*

*§ 1º As aulas das escolas da rede pública estadual de ensino ficam suspensas até o dia 31 de março de 2020, devendo ser mantida regularmente a oferta de merenda escolar (Pará, 2020a, p. 1).*

Em ato contínuo, o Conselho Estadual de Educação por meio da Resolução nº 102 de 19 de março de 2020 (Pará, 2020b), estabeleceu regime especial de aulas não presenciais, com o seguinte detalhamento, conforme essa resolução:

*“a) é ensino não presencial e não educação à distância, uma vez que se trata de atividades para um período de afastamento provocado pela pandemia do Coronavírus. Pela Resolução tem validade até o dia 01 de abril de 2020, podendo ser prorrogado pelo Conselho Estadual de Educação.*

*b) exige um planejamento por parte dos gestores que devem as ações pedagógicas e administrativas e a produção de material específico para cada etapa e modalidade de ensino, e ainda, zelar pela frequência dos alunos, organizar avaliações e registrar as atividades realizadas.*

*c) fornece certificação para os alunos que participaram das atividades, o que implica validação por parte do Conselho para integralização da carga horária” (Pará, 2020b, p. 1).*

O regime estabelecido não é obrigatório, mas cabe aos gestores, caso manifestem impossibilidade de realização, a apresentação ao Conselho de um calendário para a reposição das aulas. Como é perceptível, a resolução altera o regime de presencial para não presencial e encarrega os gestores e docentes pela efetivação do regime.



Diante desse contexto, as perguntas principais desta pesquisa são: qual é a real situação dos discentes em relação à internet e ao uso da tecnologia? Nesse período, os discentes estão lendo algum livro? Que tipos de livros os discentes estão lendo em casa no período pesquisado da pandemia? Estão assistindo a vídeos? Que tipos de vídeos?

As afirmações a seguir, que são possíveis respostas a essas perguntas, constituíram as hipóteses iniciais que vamos comprovar ou não, a partir dos dados de pesquisa gerados em escolas de Ensino Médio da Rede pública de Belém: a) a maioria dos discentes do Ensino Médio (doravante EM), pertencentes à rede pública de educação, trabalha fora de casa e os que estão em casa têm tarefas ou de cuidar de crianças, ou de idosos ou de deficientes ou com os afazeres domésticos, não tendo, portanto, tempo para ler livros e nem assistir aos vídeos, ocasionando baixo nível de letramento; e b) os poucos discentes que conseguem ler livros e assistir a algum vídeo priorizam a literatura ficcional.

As medidas de cuidado e de afastamento propostas pela OMS, bem como do Governo do Estado do Pará, na nossa maneira de entender, objetivam garantir a não contaminação e a vida de muitos paraenses. Está claro que tais instituições acertaram em suspender as aulas presenciais, no entanto, precisamos avaliar, com dados de pesquisa, a política pública que intitulou de “regime especial de aulas não presenciais”. Nossa pesquisa centrou-se no EM, por ser etapa final da educação básica, foco de grandes avaliações: Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) e por ser uma modalidade de ensino ainda não universalizada no Brasil e que reflete muito bem as extremas desigualdades sociais.

O texto está dividido em três subseções, além da introdução: na primeira, apresentamos alguns conceitos e posicionamentos metodológicos que orientaram a pesquisa; na segunda apresentamos as questões metodológicas da pesquisa e a discussão dos resultados da pesquisa utilizando o *Googledocs*, com perguntas objetivas e subjetivas, que foi enviado para discentes de escolas de EM da Rede pública de Belém do Pará. Encerramos com as considerações finais retomando aos principais resultados da pesquisa.

### **Letramentos e Ensino Médio no Brasil**

O Ensino Médio no Brasil é oferecido em 28,3 mil escolas urbanas e rurais no

Brasil, responsáveis por 8.133,040 matrículas. 89,8% das escolas estão na zona urbana e 10,2% na zona rural, o que configura a menor participação da zona rural em toda educação básica. 95,6% dos matriculados frequentam escolas urbanas. 22,4% dos matriculados – 1,8 milhões – estudam no período noturno. Com 6,9 milhões de matrículas, as redes estaduais têm uma participação de 84,8% no total do EM e concentram 96,9% das matrículas da rede pública. 519,6 mil docentes atuam neste nível de ensino (INEP, 2017). A taxa de jovens de 15 a 17 anos matriculados no EM é de apenas 56,4%, enquanto que 18% destes ainda estão no Ensino Fundamental e 14,6% estão fora da escola (OPNE, 2017).

Para Silva (2015), o desafio da escolarização dos jovens de 15 a 17 anos no EM, que é obrigatório para esta faixa etária, a partir da Emenda Constitucional nº 59, de 2009, está articulado a duas pautas centrais: a atual conjuntura educacional direcionada a estes jovens e a pluralidade juvenil. Acrescentaríamos, ainda, uma terceira pauta: as multifacetadas e desiguais realidades de oferta e de qualidade do EM no país. Aliado a isto, é preciso romper com uma postura sociocultural que ainda conduz ao não reconhecimento, por uma dada parcela da população, de que a educação secundária<sup>2</sup> é um direito (Silva, 2015; Ferreira, 2019).

Direito este constrangido pela realidade imposta, limitado pela necessidade de progressão da quantidade e da qualidade do ensino ora veiculado, em especial em tempos de pandemia, historicamente, restrito de investimento necessário ao estabelecimento de uma prática profissional em condições de infraestrutura salubre e minimamente decente, ultrajado pelo constrangimento de que este nível de ensino, ainda, não é considerado como um direito básico, em especial, para a parcela da população menos favorecida economicamente do país (Silva, 2015; Brasil, 2014). Mais que isso,

*“A prática de declarar direitos significa, em primeiro lugar, que não é um fato óbvio para todos os homens que eles são portadores de direitos e, por outro lado, significa que não é um fato óbvio que tais direitos devam ser reconhecidos por todos. A declaração de direitos inscreve os direitos no social e no político, afirma sua origem social e política e se apresenta como objeto que pede o reconhecimento de todos, exigindo o consentimento social e político” (Chauí, 1989, p. 20).*

---

<sup>2</sup> O termo “secundário” é usado para fazer referência ao Ensino Médio.



Este “reconhecimento de todos” implica a necessidade de visibilizar que as instituições escolares recebem juventudes. Um público plural e desigual diante das condições de vida, de trabalho, de moradia, de acesso, de lazer, de metas para o futuro, de enfrentamento e de sobrevivência diante da realidade que lhe circunda (Lopes et al., 2017, 2018). Ademais, é necessário que se possa interagir com estes jovens por intermédio de outras línguas(gens), é preciso mobilizar outras linguagens, outras mídias, outras artes, outras formas de ler, de escrever, de interagir com os domínios da Ciência, da Ética, da Estética, do Trabalho, da Tecnologia e da própria Educação (Silva, 2015), a fim de que eles possam, de fato, usufruir desta etapa final da escolarização básica, para que possam, de fato, acessar, apropriar, (re)construir e ressignificar saberes, culturas, dinâmicas e práticas nos mais diferentes universos em que circulam, atuam, resistem, sobrevivem em tempos de pandemia e de tantas limitações (Cury, 2008).

Pesquisadores que se dedicam a investigar o EM no Brasil (Cury, 1998, 2008; Krawczyk, 2009, 2014; Kuenzer, 2011) elencam três questões centrais sobre os desafios relacionados à universalização deste nível de ensino: (i) o acesso e a permanência da juventude nas instituições escolares; (ii) a questionada qualidade do ensino ora veiculado; e (iii) a indefinição de identidade e de objetivos bem delineados para a educação secundária. Acrescido a estes fatores, os autores mencionam a falta de estrutura dos prédios, a remuneração precária dos profissionais, as propostas curriculares divorciadas da realidade, as péssimas condições de trabalho e a necessidade de investimentos sérios nos processos de formação inicial e continuada de docentes.

Então, o que dizer dos limites da escola pública, secundária, periférica, em tempos de pandemia? A escola, os discentes e seus docentes teriam as condições mínimas de construção de uma modalidade de ensino que pressupõe o uso da internet, de equipamentos e de ferramentas que possam possibilitar a coexistência de práticas, de formas e de gestos profissionais para o acesso a estes sujeitos do EM e para a própria existência em sua função de circulação e (re)produção dos saberes?

Para Janks (2012), em um mundo desigual, é preciso entender que as diferenças são estruturadas via relações de poder com diferentes acessos balizados em gênero, etnia, nacionalidade, classe social, que continuam prestigiando uns em detrimento a outros. Ao desenvolver reflexões acerca das possibilidades do Letramento Crítico, Janks (2016) assinala que, os letramentos escolares são

impactados necessariamente por questões de poder, diversidade e acesso, os quais são interdependentes (Janks, 2013). Para a autora, “a linguagem pode ser e é usada para manter e desafiar formas existentes de poder” (Janks, 2016, p.29).

Segundo a pesquisadora, em relações sociais de desigualdade de poder, existem valores, de natureza social, econômica, étnica, etária, de gênero, conferidos aos membros de uma dada sociedade e que convergem para que um determinado grupo social se mantenha numa dada hierarquia e, ainda, dissemine tais valores a ponto de naturalizar – ou neutralizar – e impor uma disposição ou ordem instituída, quanto mais impotentes certos grupos sociais estiverem ou tiverem a sensação de estar em relação à ordem dominante estabelecida, o uso da força, da repressão, da violência atuará de modo menos frequente. Muitas vezes, as instituições sociais família, igreja, escola atuam por via das práticas de linguagem para o processo de mobilização de significados a favor de uma dada ordem estabelecida.

Janks (2010) assevera a necessidade de incursão do acesso às formas dominantes – conhecimentos, variedades linguísticas, discursos, gêneros, modos de representação visual, de interação social – e, ao mesmo tempo, de valorizar e promover a diversidades de línguas e de letramentos aos nossos estudantes. Se, por um lado, promovemos o acesso a estas formas dominantes, estamos assim coadunando com o fortalecimento e sustentação das mesmas. Se, por outro lado, negarmos aos discentes este acesso, perpetuamos a marginalização deles, porque a sociedade continua a reconhecer o valor e a importância destas formas legitimadas. Este processo é intitulado paradoxo de acesso: “estas formas dominantes incluem linguagens dominantes, variedades dominantes, discursos dominantes (GEE, 1990), letramentos e conhecimentos dominantes, gêneros dominantes, modos de representação visual dominantes e uma gama de práticas culturais relatada na interação social” (Janks, 2010, p. 24).

Machado (2017) assinala que, ao longo do curso médio, os jovens de 14 a 18 anos precisam interagir e, de fato, exercerem um considerável grau de apropriação e de proficiência em uma diversidade de gêneros discursivos, os quais sejam fundamentais para inseri-los na vida social e profissional. A fim de que essa interação seja efetivada, é preciso que o sistema formal da língua seja dominado basicamente, até mesmo, para que a almejada e necessária leitura de mundo seja construída com êxito no exercício da prática social. E ainda, é necessário imbricar, interligar diferentes



linguagens, semioses, discursos na sala de aula, para a efetivação dos letramentos das populações periféricas.

Os postulados propostos pela estudiosa remetem diretamente ao nosso contexto de pesquisa: qual é a real situação dos discentes em relação à internet e ao uso da tecnologia? O que os discentes de escolas de Ensino Médio da Rede pública de Belém do Pará conseguem ler? Que tipos de livros estão lendo? Que tipos de vídeos e documentários estão assistindo, em tempos de pandemia?

### **Questões Metodológicas**

Nesta pesquisa, utilizamos um questionário com oito (08) perguntas objetivas e três subjetivas, que foi enviado pelo <<https://docs.google.com/>>, por meio da plataforma Googledoc, no período de 28 de março de 2020 a 11 de abril de 2020, sendo que 52 discentes de escolas públicas de Belém de bairros periféricos responderam. Fazemos um levantamento de informações por meio de formulário eletrônico no aplicativo *googledocs*, realizado no mês de março e abril de 2020, período em que ocorreu um acelerado número de mortes decorrentes do coronavírus no Estado do Pará.

O contexto da pandemia permite melhor visibilizar a lógica já vigente de que este sujeito parece ser a mão de obra necessária para suprir a demanda do capital, por sinal, mão de obra de baixo custo, suscetível a perpetuar o ciclo não só da reprodução social, mas que também permitiria acendrar a expansão da contaminação em uma determinada classe social, tendo em vista que declaram não está em isolamento social. Cabe lembrar que 96,2% dos entrevistados afirmam que uma a três pessoas de cada família dos sujeitos questionados continuaram a trabalhar fora de casa. Assim, a disseminação da doença estaria encarnada e vinculada às condições étnicas, sociais, econômicas e, até mesmo, de gênero. A enfermidade seria, então, mais propensa a determinados contingentes populacionais e a certos territórios historicamente marcados por notória exclusão e extrema vulnerabilidade social (Couto, 2010, 2014; Bourdieu & Passeron, 1992; Ferreira, 2019).

As perguntas objetivas foram agrupadas em dois campos: o primeiro mais sociológico implica em saber do gênero dos participantes, da responsabilidade pelo sustento da família, do número de residentes no domicílio, do número de pessoas que continuam trabalhando, do número de discentes que cuidam de idosos, de crianças, de pessoas com deficiência e daqueles responsáveis pelos afazeres do domicílio, do

número de artefatos tecnológicos que possuem na residência, se possuem *smartphone* ou computador, bem como se dispõem de um plano de internet ou outros modos de acesso à rede.

As perguntas objetivas foram três: 1) O que você acha de ficar em casa devido a pandemia do Coronavírus? 2) Você já leu ou está lendo algum livro nesse período? Caso sim, qual? E 3) Que filmes, séries, documentário você já assistiu nesse período?

Iniciamos pelos dados objetivos. O questionário foi respondido por cinquenta e dois discentes do EM de diversas escolas públicas. Em relação ao perfil deste público investigado, no gênero, foi constatado 67,3% declaram ser do sexo feminino; 28,9% declaram ser do sexo masculino, 1,9% respondeu como não-binário – um dos muitos termos usados para descrever pessoas cuja identidade de gênero não é nem inteiramente masculina nem inteiramente feminina e 1,9% não se identificou. Número de discentes que são responsáveis pelo sustento da família: 76,9% dos discentes são responsáveis pelo sustento da família e 23,1% são corresponsáveis. Número de residentes no domicílio: em 65,4% das residências moram entre 4 a 6 pessoas; em 30,8% moram de 1 a 3 pessoas, em 1,9% moram de 7 a 9 pessoas e, 1,9% moram mais de 10 pessoas.

Esses dados apontam para o fato de que adolescentes na faixa etária de 14 anos de idade estão inseridas no circuito do “trabalho” responsável pela sobrevivência da família, colocando em voga um argumento de espectro global – o capitalismo seria o verdadeiro responsável pelo processo de inserção de menores no mundo do trabalho – em conexão com um argumento de espectro local, isto é, a situação financeira das famílias que leva à inserção de menores, precocemente, ao mundo do trabalho. Mesmo antes de atingir a maioridade, muitos discentes do EM precisam dividir o tempo entre a escola e o trabalho.

É grande o número de pessoas no domicílio que não estão em isolamento social, que continuam trabalhando. 96,2% apresentam de uma a três pessoas ainda trabalhando; e 3,8% de 4 a 6 trabalhando.

Outras informações:

a) Número de discentes que cuidam de idosos: 80,8% não são responsáveis; 17,3% são corresponsáveis; e apenas 1,9% dos discentes são os principais responsáveis. Número de discentes que cuidam de crianças: 75,0% não são responsáveis; 25,0% são corresponsáveis.



b) Número de discentes responsáveis pela limpeza do domicílio: 61,5% são corresponsáveis; 23,1% não são responsáveis, e 15,4% são os principais responsáveis. Número de discentes responsáveis pelo cuidado de pessoas com deficiência: 94,2% não são responsáveis; 3,8% são corresponsáveis, e 1,9% são os principais responsáveis.

Lamentavelmente, o sistema escolar vigente negligencia não somente a universalização do acesso à internet aos discentes e docentes no seio da própria instituição. O Censo Escolar INEP/2015 mostra que apenas 23% das escolas possuem a infraestrutura adequada prevista na meta 7 do Plano Nacional de Educação, PNE, Lei 13.005 (2014-2024). O relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) em 2014 destacou as disparidades regionais relacionadas à infraestrutura, por exemplo, a região sul, apresenta 36% das unidades de EM com todas as condições previstas no PNE, enquanto que as escolas da região Norte contemplam somente 5% desses itens (Brasil, 2014).

### **Análise das Questões Objetivas**

Vamos passar para as questões objetivas. A primeira foi: o que você acha de ficar em casa devido à pandemia do Coronavírus?

Trata-se de um cenário escolar totalmente atípico e inédito no sentido de terem que seguir seu percurso letivo e, ao mesmo tempo, respeitar um distanciamento físico para evitar o contágio pelo coronavírus. Nas respostas, 80,8% dos discentes afirmaram concordar com as atividades em casa, informando que são importantes, viáveis e constituem a oportunidade de continuar estudando. Selecionamos algumas falas para representar este posicionamento predominante entre os discentes:

(10) *“É bom, pois ocupa os alunos, todavia a ausência das aulas presenciais faz falta”* (Carla).

(18) *“Acho uma boa alternativa, pois o plano de estudos em domicílio permite que o aluno não perca o foco e continue aprendendo, além de colocar a matéria em dia”* (Celeste).

(23) *“Interessante, mas deve-se utilizar ferramentas que todos possam ter acesso. O aplicativo 'Whatsapp' pode se utilizado no envio de trabalhos, documentos, textos para leitura... vídeo aulas por Skype, caso haja possibilidade ao acesso para professores e discentes”* (José).

(37) *“São de suma importância para a conclusão do ano letivo mas o acesso de certa*

*forma pode se tornar restrito já que nem todos têm a disponibilidade” (Gabriela).*

*(45) “acredito que é uma boa forma de ocupar a mente no meio de uma pandemia onde me deixa totalmente tensa e que pode me fazer estudar de uma forma mais tranquila, existem pessoas que devem está na mesma situação que eu, mas por outro lado, ainda tem alunos que não tem acesso a internet ou até mesmo um smartphone” (Cih)*

Janks (2016) diz que os falantes fluentes de uma dada língua, que são altamente letrados, tendem a ter mais poder e influência. Ela assinala que a língua também pode e deve ser utilizada para desafiar, desestabilizar, reptar a maneira como a realidade se conforma. O não consentimento, a prática da recusa, da desconstrução de discursos instituídos e legitimados, o estabelecimento do conflito por um grupo de pessoas pode levar a mudança, talvez a pequenas ou grandes transformações. Para a autora, “o que torna o letramento desafiador é a sua criticidade e preocupação com a política de significado: as maneiras pelas quais os significados dominantes são mantidos ou desafiados e mudados” (Janks, 2016, p.p. 30-31).

A partir deste posicionamento, a pesquisadora instiga a rememorarmos o legado freiriano no sentido de que o ato de aprender a reconhecer como a realidade é construída e nomeada de modo opressivo e desigual. O ato de ler o mundo e renomear o que está a sua volta pode transformar a sociedade, desvelar a desigualdade e buscar a igualdade e isto nos parece ser o cerne da preocupação discente transparente em boa parte das respostas: a necessidade da ocupação, a preocupação em manter um “ritmo” de estudos, pois os mesmos têm consciência da importância dos saberes escolares para as grandes avaliações ao final do EM e, em especial, a expressão do reconhecimento da desigualdade de acesso estabelecida, uma vez que os bens tecnológicos não são universalizados a esta parcela da sociedade brasileira, amazônica e periférica.

Nessa direção, estes dados reportam ao *paradoxo do acesso*, isto é, a possibilitar o acesso às formas dominantes e ao respectivo domínio e preservação deste arsenal dominante e, ao mesmo tempo, valorizar e promover as diversidades de línguas, de formas letradas, muito embora, outras entradas de linguagens, línguas, saberes e bens culturais, menos legitimados e valorizados, venham a coexistir nas esferas de circulação social em que estes sujeitos transitam. O domínio destas formas inclui o domínio das linguagens, dos gêneros, dos discursos, dos conhecimentos, das representações multimodais e culturais que são constitutivas das interações sociais. Negar estas possibilidades é, de certa forma, contribuir para perpetuar um processo



de marginalização social e de acesso à pluralidade de letramentos (Janks, 2010, 2004).

Nesse sentido, 9,6% dos discentes posicionaram-se contra as aulas na modalidade investida nos seguintes termos:

(2) *“Não acho muito bom”* (Ana).

(15) *“Acabam sobrecarregando mais nossa saúde mental* (Mikaelson).

(20) *Inadequada”* (Jonatha).

(28) *“Um tanto complicadas”* (Ju).

(43) *“Não tá dando pra estudar em casa, 1º não entendi nada do que foi passado, 2º não tem como fazer sem internet ,3º só tenho net pra mandar msg e essa q estou usando é temporária, a net do meu cllr acaba em 2 dias”* (Bolinha).

Tomlinson (2013) atenta para o fato de que o movimento da produção escolar é, muitas vezes, divorciado das realidades da prática de sala de aula, e, até mesmo, desvinculada de motivações dos discentes, não condiz com o tempo adequado ao trabalho docente a ser desenvolvido, com a falta de recursos e, ainda, com a expressa necessidade de preparação para os exames intermediários e finais. Os posicionamentos discentes contrários à modalidade de ensino em voga trazem à tona uma realidade já vivenciada por muitos destes discentes do EM, mas que agora é protagonizada e quem sabe transferida a própria modalidade, qualificada nesses termos como “complicada”, “inadequada”, quase “incompreensível”, de fato, insuficiente a uma parcela da população.

Resta-nos questionar, seria, de fato, somente a modalidade de ensino imprópria ao contexto de pandemia em cheque? Em que situação social, mental, financeira este discente está inserido em meio a mais significativa pandemia do século XXI? Quais são as atividades escolares planejadas e propostas ao público em questão pelos docentes que também são afetados pela mesma conjuntura? Nessa direção, os discentes apresentam, ainda, um terceiro posicionamento em relação à modalidade de ensino e à qualidade do que é veiculado, 9,6% dizem que não participaram de nenhuma das atividades à distância ou que as consideram muito fracas. Os posicionamentos foram as seguintes:

(3) *“Que atividades? Eles não passam nenhuma, com exceção de alguns professores”*  
(Clara)

- (4) “Acho meio besta, pq n é passado mt conteúdo, ent as atividades q vem são bem bobinhas” (Zabuza)
- (5) “Não há muitas” (Katerina)
- (25) “Até agora só tivemos 1 atividade” (Laura).
- (29) “Não enviaram nada sobre isso” (Jaiminho).

Estes posicionamentos dos discentes concorrerem para a necessidade de observar que uma dada parcela da população brasileira não é contemplada a uma demanda letrada: a abordagem de conteúdos programáticos, o acesso à leitura e à escrita de textos perpassariam apenas por “alguns professores”, o que revela que há uma pendência institucional, educacional, relacionada a abordar o conteúdo escolar, preparar para os exames, formar para a construção de um leitor crítico ao longo do EM. Cabe lembrar que no Brasil as avaliações externas, especificamente o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), interferem e impactam o modo de realização da forma escolar e de letrar na escola. Em tese, esses discentes precisam ser preparados para este aparelho docimológico, mesmo em plena pandemia. Este traço também convoca um traço tradicional da prática escolar: o processo de preparação aos exames preparatórios e de admissão, o aparelho docimológico como elemento constitutivo e característico do processo de constituição das disciplinas escolares (Chervel, 1988).

Por outro lado, as respostas dos discentes do EM refletem uma polêmica entre prevenção contra o vírus, que se aproxima da proposição que a Organização da Saúde sugere – o isolamento ou afastamento social – em razão de não saturar o sistema de saúde, representado pelo *slogan* “fique em casa” versus o “acho ruim”, apenas com as valorações “entediante”, “triste”, “ruim”. Não há muita explicação, a exceção do discente Bolinha, que cita o fato de que “Tá um tédio, minha família e eu estamos quase nus matando”, referindo-se a convivência familiar em crise.

No caso, da primeira posição – a adesão de se isolar em casa – é acompanhada dos argumentos: previne contra o vírus, garante a higiene pessoal (Aninha), possibilita estudar mais, possibilita o relaxamento (Mirella), evita os danos sociais do vírus (Luna), evita o caos na cidade (Orochi). Há a posição de quem não gosta do afastamento, mas entende a situação da pandemia (William). Tais posições refletem a posição da OMS de “achatar a curva” da pandemia.

No caso da defesa contrária ao isolamento ou afastamento, a fala do participante Bolinha parece mostrar que não é simplório afirmar que “ficar em casa” vai garantir que todos convivam de forma harmoniosa. O convívio familiar, privado, para algumas



peças, não é tão seguro e idealizado como o melhor, há problemas. Não sabemos do porquê dessa posição de Bolinha, a pesquisa feita por meio escrito e à distância não favorece que possamos saber de todos os fatos, de toda explicação responsável. Resta-nos especular possíveis razões: os jovens com os pais, mulheres com maridos machistas, pessoas homossexuais – ou do espectro LGBTQIA+<sup>3</sup> em relação a pais conservadores – muitas vezes não estão seguras no convívio familiar.

Poderíamos interpretar a alternativa de sair de casa, voltar ao trabalho, no período de pandemia, contrariando a orientação da OMS, como uma forma de necropolítica, utilizando o conceito do filósofo camaronês Achille Mbembe (2016), como uma forma de subjugar “a vida ao poder da morte”, a necropolítica, reconfigurando uma estratégia por parte do governo federal em definir que grande parte da população deve morrer, para salvar a economia capitalista do país. Nos termos que:

*“propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’” (Mbembe, 2016, p. 146).*

O Coronavírus é a nova “arma de fogo” da atualidade para resolver muitos dos problemas do país: é uma promessa que acabaria com grande parte dos pobres, que não tem como sobreviver na miséria e sem ajuda governamental, com grande parte da violência, da criminalidade; seria um efetivo método de controle de natalidade; uma forma de acabar com o problema do desemprego; e principalmente, acabaria com o encargo do Estado em prover aposentadoria aos velhos. É a necropolítica que está por trás da posição da classe dominante do país, do governo federal, ao propagandear que as pessoas saiam do isolamento e voltem a trabalhar, estabelecendo “mundos de morte”.

A segunda e terceira perguntas objetivas foram: Você já leu ou está lendo algum livro nesse período de distanciamento social? Caso sim, qual? e 3) Que filmes, séries, documentário você já assistiu nesse período? Para responder essas perguntas elaboramos dois quadros que agrupam os tipos de textos lidos, de filmes e de

---

<sup>3</sup> A terminologia LGBTQI+ é a “mais atualizada sobre a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, Queer e intersexual” e o “símbolo + foi acrescentado à sigla LGBTQI para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero” (REIS, 2018, p. 7).

documentários assistidos durante esse período.

Começando pelo quantitativo: 61% dos discentes responderam que sim e 39% responderam que não leram nenhum livro nesse período.

No primeiro quadro a seguir, catalogamos os tipos de livros lidos e o agrupamento dos mesmos. A identificação que fizemos se baseou em um critério intuitivo: separamos os livros de literatura ficcional – incluindo os estilos dos estudos literários comédia, romance, suspense, terror, drama –, dos livros escolares e de autoajuda.

Quadro 1 - catálogo de tipos de leituras e livros lidos pelos discentes do EM.

(Livros de Literatura ficcional	(1) A menina que não sabia ler (Moniee). (4) Macunaíma (Zabuza). (5) Os Delírios de natal de Becky Bloom (Katerina). (7) Livros de poesia (Marcella). (9) Para todos os garotos que já amei (Leticia). (10) Tamo junto e sementes do conformismo (Carla). (11) Harry Potter e a camara secreta (Duda). (12) Um estudo em vermelho" de Sherlock Homes (Aninha). (14) Helena e Cidades de Papel (Sophia). (16) Pequeno príncipe (Angela). (17) A Escola do Bem e do Mal (Mirella). (18) a Bela e a Fera (Celeste) <sup>4</sup> . (19) Harry Potter e a câmara secreta (Xberkaykaplanx). (31) Para todos os garotos que já amei (Leticia). (33) Me Chame Pelo Seu Nome (Natalia). (34) A ilha do tesouro (Gabriely). (35) Historia extraordinarias-edgar alan paul (João). (37) O Cortiço (Gabriela). (38) Poliana (Le). (39) Stranger things (Olga). (40) Tormenta de Fogo (Pati). (43) Contos de fantasmas (Bolinha). (45) Dom casmurro (Cih). (50) O preço da felicidade (Kamilly).	44,00% (24)
Livros técnico-científicos	(6) Sobre teoria política (William). (13) Livros escolares (Breninho). (18) Linguagem corporal. (24) Fisiopatologia (Thais). (25) Inteligência emocional (Laura). (30) Sobre atividade física, legislação e informática (Mi). (47) A história da humanidade contada pelos vírus (Danielle).	13% (7)
Livro de autoajuda	(39) o homem mais inteligente da história (Olga).	2% (1)
Indefinido	(52) Livros grátis da plataforma Wattpad (Joy).	2% (1)
Não estão lendo	(2) Ana; (3) Clara; (8) Argel; (15) Mikaelson; (20) Jonatha; (21) Luna; (22) Dodô; (23) José; (26) Marcos; (27) Evelyn; (28) Ju; (29) Jaiminho; (32) Vairus; (36) Camila; (41) Arkyel; (42) San; (44) Orochi; (46) Cristina; (48) Helem; (49) Ygor; (51) Arizona.	39% (21)

Fonte: elaboração dos pesquisadores, 2020.

No quadro dois, apresentamos os tipos de vídeos e documentários referidos pelos discentes.

<sup>4</sup> Dois discentes (Celeste e Olga) colocaram cada um, dois livros. Os demais colocaram apenas um, por isso o número chega a 54.



Quadro 2 - catalogação de filmes, séries, documentário assistidos pelos discentes do EM.

Filme de vários gêneros	(1) The OA (Moniee); (5) Ramona e Beezus, A Extraordinária garota chamada Estrela, (Katerina). (7) Epidemia e etc. (Marcella);(10) O poço (os dois da Netflix) (Carla);(13) Midway (Breninho); (16) Minha mãe é uma peça, O menino do pijama listrado (Ângela); (19) "Filmes: toda a saga de Jurassic park e world, gladiador, e como treino seu dragão 3" (Xberkaykaplanx);(21) Constantine, Rei Arthur, O poço (Luna); (24) Filmes de terror e ação (Thais);(28) filmes românticos (Ju); (33) A Chegada, Vida, etc. (Natalia); (32) filmes de ação, romance, drama, terror, animação (Vairus); (35) Guerra mundial z, contágio (João); (36) Filmes de comédia e documentários sobre a segunda guerra (Camila). (39) Ditadura militar (Olga); (40) Forrest Gump, etc. (Pati); (44) A casa de papel,you,ragnarok, Até o último homem e outros (Orochi); (45) meu amigo Totoro e doutor estranho (Cih); (51) O poço, Minha mãe é uma peça, , Voo 93, A casa (Arizona).	26% (19)
Séries e Minisérie	(5) Bia, The Vampire Diaries, Mimha Babá é uma Vampira, The Originals (Katerina); (10) 100 humanos (os dois da Netflix) (Carla); (12) Não provoque do Netflix e vampiros (Aninha); (14) Jogos Vorazes, fiz sessão de filmes em família (Sophia); (17) um documentário A terra à noite (Mirella); (18) Unce upon a time e The Umbrella Academy (Celeste); (21) Vikings (Luna); (33) The OA, etc. (Natalia); (34) Madiba (Gabriely); (43) Série: elite (Bolinha); (45) Itaewon class (Cih); (47) "Grey's Anatomy Freud" (Danielle); (50) O bom doutor (Kamilly).	19% (13)
Documentário	(7) Marielle e etc. (Marcella); (17) documentário A terra à noite (Mirella);(21) Marielle, (Luna); (51) Grey's Anatomy, GreenHouse Academy, Sheasapeak Shores;	6% (4)
Desenho Animado	(1) Animes (Moniee); (5) Ever Afte High, Bob Esponja(Katerina);(14) Cegonhas (Sophia); (28) Animes (Ju); (35) a viagem de chiriro (João); (40) Ela, A Princesa e o Sapo (Pati); (41) Dragon Ball Z, Arkyel; (45) A viagem de chihiro (Cih); (41) Black Clover, Buku no Hero ,Nanatisu no taizai (Arkyel)	12% (9)
Jornal	(16) Jornal Nacional (Ângela). (51) todos os jornais	3% (2)
Educativos para concursos	(27) Diversos preparatórios para concurso público (Evelyn);	1% (1)
Reality show	(51) BBB(Arizona)	1% (1)
Aplicativo de celular	(51) TikTok <sup>5</sup> (Arizona)	1% (1)
Novela de TV	(51) Fina Estampa(Arizona)	1% (1)
Indefinido	(9) Vários (Leticia). (11) Vários (Duda). (15) Vários (Mikaelson); (20) Muitos (Jonatha). (26) Vários (Marcos); (30) Só os que passam na TV (Mi). (31) Vários (Leticia). (42) Vários (San).	11% (8)
Não referiu nenhum	(2) Ana. (3) Maria Clara. (4) Zabuza. (6) William. (8) Argel. (22) Dodô. (23) José. (25) Laura. (38) Le.(29) Jaiminho. (46) Cristina. (48) Helem. (49) Ygor. (52) Joy.	19% (14)

Fonte: elaboração dos pesquisadores, 2020.

<sup>5</sup> O *TikTok* é um aplicativo para compartilhamento de vídeos curtos, de 15 a 60 segundos (fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TikTok>)

Um bom exemplo destes acessos a outros universos letrados é a menção aos diversos títulos de livros que 61% dos estudantes declaram ler ou já ter lido neste momento de ausência das aulas presenciais, mais que isso, 81% afirmam ter assistido a uma ou a várias séries, minisséries, documentários ou filmes. O detalhe que observamos é a tendência a pouco assistirem a telejornais. Os discentes têm acessos diversificados de produções escritas ou audiovisuais, revelando a agência deste público no sentido de realização de ações que convergem, independente, de uma orientação docente direcionada às ações constitutivas e indispensáveis para a construção de repertórios letrados; o que indicia o protagonismo juvenil.

Conforme Kleiman e Sito (2016), é preciso visibilizar estes grupos e seus letramentos. Ao levar em consideração os letramentos emergentes como práticas de multiletramentos, forjadas no seio das tradições escolares, artísticas, musicais, corporais, comunitárias, midiáticas e, até mesmo, aquelas realizadas em correlação com práticas consideradas hegemônicas, percebemos que o trabalho dos docentes, mesmo diante de uma pandemia, de algum modo, favorece o fortalecimento de novos discursos acerca das realidades, o reconhecimento de saberes escolares, ou, ao menos, coloca em voga a tensão existente na arena de letramentos em que se (re)configura o ambiente escolar (Tardif, 2005; Kleiman; Sito, 2016).

### **Considerações Finais**

Nesta pesquisa, tratamos da posição dos discentes do EM com relação ao afastamento social, em razão da pandemia do Coronavírus, recomendado pela OMS. A posição predominante destes é de aceitação, embora tenha a ocorrência de tédio, de recusa dessa situação e de brigas familiares.

A posição de recusa do afastamento, por parte de alguns discentes desta pesquisa tem relação direta com a redução drástica dos recursos para a Ciência, em particular recursos que ajudem no enfrentamento da grave crise sanitária e econômica; com o desmonte dos sistemas públicos de educação e de saúde, em particular pela ação da Emenda Constitucional 95/2016 – que estabeleceu um “teto” para os gastos públicos da união, das despesas primárias, ficando limitadas à variação inflacionária –, e as constantes ameaças antidemocráticas à liberdade de ensino e pesquisa, que davam segurança e proteção para o trabalhador brasileiro –



direitos como os de previdência, transferência de impostos para programas sociais, melhorias salariais e melhorias nos sistemas de saúde e educação.

O que foi constatado é a grande quantidade de discentes que necessitam auxiliar no trabalho e complementar a renda da família. Decorrente disso, para enfrentar a crise econômica são necessárias medidas emergenciais como de renda mínima, que pudessem apoiar, em particular, as camadas mais pobres e vulneráveis da população e reduzam a desigualdade social e econômica. Essa ajuda, no Brasil, foi em grande parte mitigada ou burocratizada, provocando situações de agravamento do sofrimento da população, que indecisa acabava tendo que sair para trabalhar, mesmo sabendo que poderia ser contaminada pelo coronavírus.

As nossas hipóteses em parte foram confirmadas: em relação à situação dos discentes das escolas públicas que responderam ao questionário, percebemos que a maioria trabalha fora de casa; parte tem que se dedicar com os afazeres domésticos da casa, com o cuidado de crianças, de idosos ou de deficientes. No entanto, ainda, conseguem ter tempo para ler livros e assistir a vídeos, como forma de diversão e de aprendizagem, o que ampliaria seus níveis de letramento. A pesquisa confirmou que a maioria consegue ler livros e assistir a algum vídeo, um dado interessante é que este grupo investigado prioriza a literatura ficcional e teria acesso a produções audiovisuais diversificadas e de procedência local e global, o que revelaria um acesso para além das demandas escolares.

### Referências Bibliográficas

- Agenciabrasil. (2020). *Organização Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus*: Atualmente, ao menos 115 países têm casos da doença. Publicado em 11/03/2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em 13 abr. 2020.
- Andersen, K. G.; Rambaut, A.; Lipkin, W. I.; Holmes, E. C.; Garry, R. F. (2020). The proximal origin of SARS-CoV-2. *Nat Med*. <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0820-9>. Acesso em 09 abr. 2020.
- Brasil. (2020). *Brasil confirma primeiro caso da doença*. Quarta, 26 de fevereiro de 2020. Disponível em <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso 04 abr. 2020.
- Brasil. (2014). Tribunal de Contas da União (TCU). *Relatório de Auditoria* (Fiscalização

- nº 177/2013), Secretaria de Controle Externo da Educação, da Cultura e do Desporto (Secex Educação), Brasília.
- Bourdieu, P.; Passeron, J. C. (1992). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Couto, A. C. (2010). *Narcotráfico na metrópole: das redes ilegais à “territorialização perversa” na periferia de Belém*. Dissertação (Mestrado Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade do Estado do Pará, Belém.
- Couto, A. C. (2014). *A geografia do crime na metrópole: das redes ilegais à territorialização perversa na periferia de Belém*. Belém: Eduepa.
- Cury, C. R. J. (1998). O ensino médio no Brasil: histórico e perspectivas. *Educação em Revista*, n. 27, Belo Horizonte (p.p. 73-84).
- Cury, C. R. J. (2008). Educação básica como Direito. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008.
- Chauí, M. (1989). *Cultura e democracia*. 8. ed. São Paulo: Cortez.
- Chervel, A. L. (1988) Histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherches. *Histoire d L' Éducation, Paris*, v. 38, n. 1, p. 59-119.
- Ferreira, D. C. N. (2019). *Letramentos, prática docente e ensino de leitura e de escrita: tensões e resistências em uma escola pública da periferia de Belém (PA)*. Tese de doutorado. Campinas-SP: UNICAMP.
- Fiori, J. L. (2020). Prognóstico é ruim e vai piorar, diz Fiori. Entrevista. *Tutameia*, 10 de abril de 2020. Disponível em <<https://tutameia.jor.br/prognostico-e-ruim-e-vai-piorar-diz-fiori/>>. Acesso em 12 de abril de 2020.
- Gee, J. P. (1990). *Social linguistics and literacies: ideology in discourses, critical perspectives on literacy and education*. London: [s. n.].
- G1globo. Secretaria Estadual de Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Pará. *G1GLOBO*. 18/03/2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/03/18/secretaria-estadual-de-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-para.ghtml>>. Acesso 04 abr. 2020.
- Ibge. (2010). *Aglomerados Subnormais: O que é*. 2010. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 18 abr. 2020.
- Janks, H. (2016). Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (org.). *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas. (p.p. 21-39).



- Janks, H. (2013). Critical literacy in teaching and research. *EducationInquiry*, v. 4, n. 2, june. (p.p. 225-242).
- Janks, (2012). H. The importance of critical literacy. *English Teaching: Practice and Critique Information*, v. 11, n. 1, may 2012. (p.p.150-163)
- Janks, H. (2010). *Literacy and power*. Nova York: Routledge.
- Kuenzer, A. Z. (2011). A formação de professores para o Ensino Médio: velhos problemas, novos desafios. *Educação & Sociedade*, v. 32, n. 116, jul./set.. (p.p. 667-688).
- Krawczyk, N. (2015). *O Ensino Médio no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2009. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2342/1/emquestao6.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- Krawczyk, N. (2014). *Sociologia do Ensino Médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez.
- Lopes, A. C. et al. (2017). Desregulamentando dicotomias: transletramentos, sobrevivências, nascimentos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 3, (p.p. 753-780).
- Lopes, A. C. (2018). Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. *Revista da ABPN*, v. 10, jan. 2018 (p.p. 678-703).
- Machado, M. L. C. A. (2017). A língua materna no Ensino Médio: finalidades e organização curricular. *Teias*, v. 18, n. 49, (p. 40-58). Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/26704/20952>>. Acesso em 13 dez. 2020.
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios* n. 32, (p.p. 122-151). Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>>. Acesso em 23 abr. 2020.
- Observatório do Plano Nacional de Educação (OPNE). (2017). *3 anos de plano nacional de educação*. OPNE, jun. 2017. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/pne/saiba-mais/3-anos-de-plano-nacional-de-educacao>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- Pará. (2020a). *Decreto nº 609 de 16/03/2020*. Publicado no DOE - PA em 20 mar 202. Dispõe sobre as medidas de enfrentamento, no âmbito do Estado do Pará, a pandemia do coronavírus COVID-19. Disponível em <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391233>>. Acesso em 13 abr. 2020.
- Pará. (2020b). *Resolução nº 102 de 19 de março de 2020*. Disponível em <[https://drive.google.com/file/d/1QY-LcSaBo6yQGao0M\\_iVmxvtBo0Dx0Tb/view](https://drive.google.com/file/d/1QY-LcSaBo6yQGao0M_iVmxvtBo0Dx0Tb/view)> Acesso em 13 abr. 2020.

- Silva, M. R. (2015). Direito à educação, universalização e qualidade: cenários da Educação Básica e da particularidade do Ensino Médio. *Jornal de Políticas Educacionais*, v. 9, n.17-18, (p.p. 61-74). Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/41441>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- Kleiman, A. B.; Sito, L. (2016). Multiletramentos, interdições e marginalidades. In: Kleiman, A.; Assis, J. A. (org.). *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas: Mercado de Letras. p. 169-198.
- Reis, T. (2018). Manual de Comunicação LGBTIA+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2020.
- Tomlinson, B. (2013). Introduction: applied linguistics and materials development. In: Tomlinson, B. (ed.) *Applied linguistics and materials development*. London: Bloomsbury.